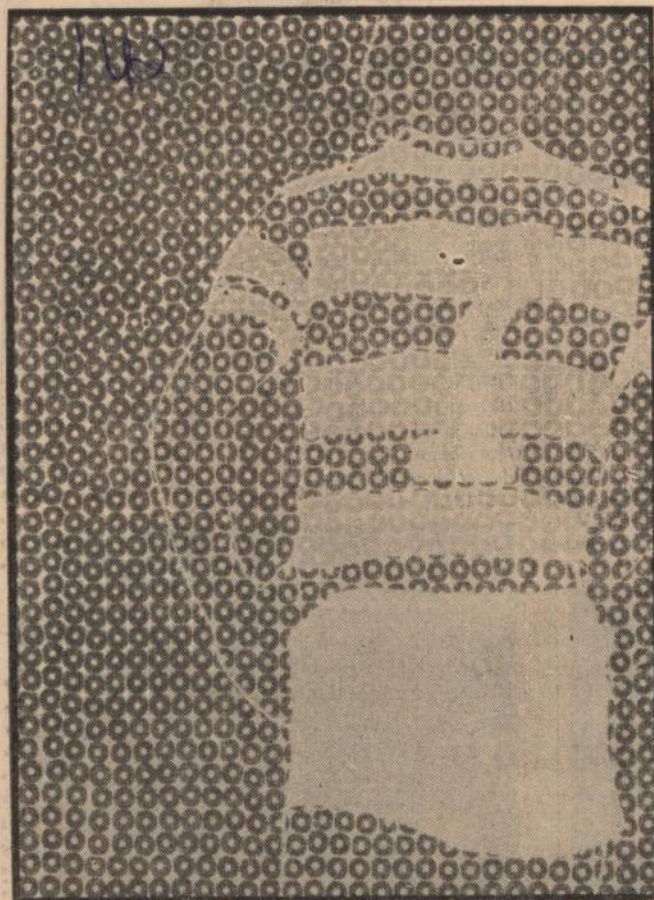


Passa por cima de seus concorrentes: Despache sua carga via VASP.



Dinâmicas, coloridas, as gravuras de José Lima são feitas sobre arruelas

JOSÉ LIMA E O FUTEBOL EM GRAVURA

Maria Lúcia Rangel

GOSTAR de Futebol ele gosta, mas sem fanatismos. José Lima prefere captar para as suas gravuras o movimento, as cores e os números dos jogadores. Há três anos sem expor no Rio inaugura hoje, na Gravura Brasileira, uma mostra em que retoma este tema, agora aparecendo em cortes fotográficos e numa técnica em que as arruelas (chapa redonda com furo circular, na qual se mete o parafuso a fim de que a porca não desgaste a peça que vai ser aparafusada — Aurélio) servindo de fundo, contribuem para a idéia do movimento das figuras que o gravador pretende.

A primeira vez que viu uma xilo- gravura, mais ou menos com 18 anos, José Lima teve certeza de ter encontrado o que procurava. A descoberta coincidiu com o anúncio num jornal de um curso de gravura no Liceu de Artes e Ofícios. Foi onde o futuro gravador matriculou-se. Estudava tanto a gravura em metal como a xilo. O desenho, que fazia desde menino, continuou sendo exercitado e hoje, ele desenvolve nitidamente dois tipos de traçado:

— O desenho em si é feito com carvão e ecoline. Nele não entram texturas. Para a gravura, executo o croquis e penso na cor já com idéia da textura, sabendo a técnica que empregarei.

Quando começou a preparar os atuais trabalhos — feitos este ano — José Lima entrou numa loja de ferragens e pediu 15 quilos de arruelas (o normal é a compra de uma ou duas), o vendedor espantou-se e ele foi obrigado a explicar que era para um mural. Ficou até mais fácil mandar o lojista niquelá-las:

— Ele não iria entender nunca o trabalho que tenho com cada matriz. Soldo arruela por arruela na chapa e só então começo a usar a máscara (cartão que isola cada cor).

Cada chapa leva uma média de quatro mil arruelas. E em cada gravura ele emprega quatro máscaras, ou sejam, quatro cores diferentes:

— A galeria tem 14 gravuras emolduradas, mas os mesmos desenhos foram feitos com outras cores para que o comprador tenha opção.

Ele lembra-se que na época em que começou a trabalhar com gravura ela ainda era considerada "uma arte menor". Hoje, cita São Paulo como uma cidade em que as galerias especializadas nesta técnica proliferam:

— Mas o Rio está começando. Antigamente a gente queria expor só gravura e era impossível. Somente os críticos ainda acham que a gravura brasileira está "marcando passo". E

é lógico que, como gravador, sou contra eles. Existem, é verdade, os gravadores que fazem trabalhos decorativos e só. Mas em compensação há os que se dedicam seriamente.

A pesquisa faz parte de todos os seus trabalhos. Em 1968 ele começou a usar as arruelas em gravuras brancas formando figuras eróticas. Foi uma fase de elogios de crítica e nenhuma vendagem. Partiu então para o eucatex, mas usando seu lado avesso, dando uma idéia de tela ao papel:

— Os críticos querem um tipo de pesquisa que, na minha opinião, foge à gravura: colagens, papéis rasgados, etc. Esquecem-se que a gravura tem um limite. Você fica fechado no que o aço pode dar e nas técnicas. Muitos não consideram o que faço atualmente como gravura.

José Lima explica que em vez de gravar ele solda e imprime:

— É tudo acrescentado, não gravado.

A necessidade de pesquisar veio depois de ver uma exposição no atelier de gravura do MAM em 1961. Constatou que a mostra era toda igual:

— De um academismo incrível. Tudo com o mesmo formato, com formas abstratas e em preto e branco. Me senti com obrigação de sair daquilo.

Em 1975 ele conseguiria uma consagração definitiva com a gravura que considera "a mais feliz de sua carreira": Um tênis branco com meias vermelhas e mãos amarrando seu cadarço. Ganhou até o Prêmio de Viagem ao País do Salão de Arte Moderna. Além de ter vendido toda a tiragem:

— A nossa gravura é muito boa. Melhor até do que estão fazendo na Europa e Estados Unidos. Minha vontade era passar uns tempos no Japão. Ai sim, teria muito o que aprender.

As viagens fazem parte de sua vida. Morou durante seis meses no Peru, ensinando na Universidade Católica de Lima. Só não ficou mais tempo porque ficou literalmente apavorado com o terremoto de 1970 e preferiu voltar:

— Preferi rescindir o contrato. O Brasil conheço quase todo, menos Pernambuco, onde nasci.

Trabalhando diariamente em seu atelier e dando aulas em Niterói, no Palácio do Ingá, José Lima expõe no Rio a cada três anos. Mas nos intervalos leva suas obras para vários Estados brasileiros. A atual mostra é sua décima segunda exposição individual.